

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA**

Alexandre Luz Alves

**A MANUTENÇÃO DOS VALORES DO JUDÔ ATRAVÉS DOS INTEGRANTES DO
CONSELHO DE KODANSHAS DO RIO GRANDE DO SUL**

**Porto Alegre
2019**

Alexandre Luz Alves

**A MANUTENÇÃO DOS VALORES DO JUDÔ ATRAVÉS DOS INTEGRANTES DO
CONSELHO DE KODANSHAS DO RIO GRANDE DO SUL**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Janice Zarpellon Mazo

Porto Alegre

Alexandre Luz Alves

**A MANUTENÇÃO DOS VALORES DO JUDÔ ATRAVÉS DOS INTEGRANTES DO
CONSELHO DE KODANSHAS DO RIO GRANDE DO SUL**

Conceito final:

Aprovado em _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Mauro Myskiw

Orientadora – Prof. Dra. Janice Zarpellon Mazo – UFRGS

DEDICATÓRIA

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso a pessoa que é mãe, pai, amiga, aliada e cúmplice, à Ana Elisa Luz, que desde sempre aplicou e deixou clara a erudição de que para construir um ser humano precisa paciência, tempo e dedicação.

À todos aqueles que concebem a Educação Física como um poderoso dispositivo, o qual deve proporcionar autonomia, senso crítico, justiça social e sentimento de autopreservação.

AGRADECIMENTOS

A trajetória até o ensino superior foi longa. O amadurecimento necessário para adentrar em um setor da sociedade tão concorrido foi desenvolvido a contagotas. Existiu e existe um grupo de responsáveis por elucidar que a instituição federal é um bem público e deve ser democratizado, coube a eles retirar a venda de meus olhos. A iniciativa do Resgate Popular, composto por graduandos da UFRGS, alunos voluntários que dão aulas neste pré-vestibular sem fins lucrativos foi o catalisador que permitiu a noção de pertencimento e o aporte de conhecimentos para prestar o concurso. O grande divisor de águas, sem dúvidas, foram estes sujeitos - eu estaria cometendo uma injustiça esquecendo de um nome ou outro, lembrando que todos os idealizadores e professores foram indispensáveis no processo, porém alguns nomes vem à memória com muito carinho, são eles Daniel Rockenbach (Bird), Priscila Monteiro, Matheus Ávila, Rodrigo Costa de Aguiar (Chaves), Dado Porzio, Patrícia Azevedo Gonçalves, Cleiton Leandro, Leandro S. Dias, Aécio Severo e Yazana Guaresi.

Instituições que promovem esporte e lazer em Porto Alegre, em especial o Centro Estadual de Treinamento Esportivo (CETE), Ginásio Osmar Fortes Barcellos (Tesourinha) e mais recentemente o Centro de Comunidade George Black (CEGEB), foram locais que frequentei em períodos distintos da minha vida. Não foram locais determinantes para a escolha da carreira, foram locais determinantes para minha formação como ser humano. Espaços onde desenvolvi a consciência de que em um país no qual o ensino público é precarizado, o esporte e as práticas corporais sistematizadas representam uma competência fundamental na educação e na construção de indivíduos mais racionais e, por conseguinte, na edificação de uma sociedade mais justa. Dentro destes centros tive contato com professores de alto gabarito, entusiastas e, na minha opinião, referências de profissionais em educação física; meu imenso obrigado a João Osório Marques Ribeiro, Márcia Mariano Naimayer, Moema Morales, Denise Oliveira e Antônio Augusto da Silva Fontoura.

A memória nos prega peças, porém o subconsciente trata de nos remeter a percepções, entendimentos e concepções. Não vou precisar a data, talvez 1988, 1989, acho que eu não tinha mais do que quatro, cinco anos, era primavera, isso lembro bem. Minha mãe e eu fazíamos um passeio no bairro Cristal, Zona Sul de Porto Alegre, localidade que morei durante infância e adolescência. Subíamos a Av. Taquari, sentido centro/bairro, que à época parecia uma lomba íngreme e extensa. Estávamos no início da avenida; nisso fomos abençoados por uma chuva breve, morna, típica de primavera. Lembro-me que, quando a chuva parou, veio um sol com calor suficiente para secar nossas roupas justamente quando estávamos no ponto mais alto da lomba. Foi quando realizei que teria a presença de uma pessoa muito importante para dividir acontecimentos essenciais, assim como hoje considero a graduação. Presentes, dinheiro, bens materiais são efêmeros, mas a presença de

um ente querido em momentos marcantes não tem preço. Ana Elisa Luz, muito obrigado por oferecer suporte, amor, carinho, paciência e me aturar nos meus dias mais nebulosos. Obrigado por acreditar muito mais nas minhas qualidades que em meus defeitos.

No meu primeiro ano na graduação, no meio do primeiro semestre tive a oportunidade de fazer iniciação científica no Centro de Memória do Esporte (CEME-UFRGS), orientado brilhantemente pela Professora Silvana Vilodre Goellner. Momento oportuno, pois no meu caso, entrei sem referência alguma de como me portar; fazer uma apresentação, buscar material para compor uma pesquisa, em outras palavras, me locomover academicamente. Então o CEME-UFRGS foi o local responsável por me situar no ensino superior. Através dele descobri a paixão pela pesquisa, pelas entrevistas, entender como se produz conhecimento e sua atribuição em nossa sociedade. Foi lá também que pude pesquisar o judô no estado do Rio Grande do Sul, fazer recortes desta história e reunir os elementos que compõem o presente trabalho. Agradeço toda sua equipe em especial à Professora Silvana pelo acolhimento.

Agradeço a todos os Kodanshas e judocas que participaram desta pesquisa, “in memoriam” Osvaldo Monteiro dos Santos, que nos deixou em 2017, foi através de seu depoimento cedido em 2014, na sua residência em Torres, que ouvi pela primeira vez o termo Kodansha - possivelmente, este foi o ponto de partida para esta investigação.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela excelência de ensino, que me deu oportunidade de cursar o ensino superior de forma gratuita na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança.

Dentre os agradecimentos especiais aos docentes que tanto me inspiraram neste tempo na graduação destaco Adriana Berleze, Álvaro Reischak Oliveira, Leonardo Alexandre Peyré Tartaruga, Ronei Silveira, Adriane Vieira, Alexandre Velly Nunes, Alex Fraga, Fabiano Bossle, Elisandro Wittizoreck, Denise Grosso, Mauro Myskiw, José Geraldo Soares Damico, Veruska Pires e Mário Brauner - meu reconhecimento por intervirem no meu desenvolvimento.

Durante a licenciatura tive oportunidade de conhecer pessoas que tornaram menos rigoroso o meio acadêmico, sujeitos com os quais, semestre após semestre estreitei relações. Agradeço a estes companheiros: Rahamani Branco, Dominique Martins, Dija Martin, Gustavo Bernardi, Ítalo Quevedo, Josué Bueno, Thales Collar, Ricardo Cabrera e Dante Cabreira.

Obviamente, meus agradecimentos à minha orientadora Dr^a Janice Mazo Zarpellon, sempre cirúrgica em suas colocações tanto na orientação da presente pesquisa quanto nos apontamentos em sala de aula. Muito obrigado por ter me recebido de forma tão calorosa e gentil, sempre com muita propriedade e conhecimento do contexto histórico dos esportes, transferindo seus saberes para melhor conduzir minha investigação.

Aos colaboradores que através de seus depoimentos e cessão de materiais me situaram sobre a construção do judô no Rio Grande do Sul, colocando-se sempre à disposição para qualquer complemento neste sentido. Muito obrigado

Francisco Xavier de Vargas Neto, Drº Alexandre Velly Nunes, Antonio Augusto Silva da Fontoura, João Derly de Oliveira Nunes Júnior e Cid Correa Junior.

A todos aqueles que direta e indiretamente contribuíram para que a graduação se realizasse.

"Não sou nem otimista, nem pessimista. Os otimistas são ingênuos, e os pessimistas amargos. Sou um realista esperançoso. Sou um homem da esperança. Sei que é para um futuro muito longínquo. Sonho com o dia em que o sol de Deus vai espalhar justiça pelo mundo todo."

Ariano Suassuna

RESUMO

O judô, numa tradução mais literal, significa “caminho suave”; quando Jigoro Kano idealizou o conceito em 1882, procurou reunir, em um único método: disciplina, respeito e humildade. Componentes que pudessem moldar o ser humano por meio de uma prática corporal sistematizada, assim promovendo a melhoria do indivíduo e consequentemente da sociedade. A concepção dessa arte marcial, para muito além da performance, no que diz respeito ao aspecto competitivo, pressupunha trilhar um caminho, aplicar-se num processo que acarretaria numa modificação corporal, comportamental e social, transformando não apenas a si, mas também o seu entorno como consequência. Tendo como ponto de partida uma reflexão sobre essa percepção holística do judô, o presente trabalho tem por objetivo descrever o papel de integrantes do Conselho de Kodanshas do Rio Grande do Sul na preservação, manutenção e propagação dos valores intrínsecos do judô. Utilizando como aporte metodológico a História Oral, foram coletados depoimentos de integrantes do Conselho que evidenciam outros meios de propagação do “fenômeno” judô, que não só em relação à alta performance, mas como por exemplo, pela inclusão social que é desenvolvida através de uma iniciativa do Kodansha Marcelo Opelt. Sendo os membros do Conselho os judocas mais graduados do Estado, cabe enfatizar que cada um dos integrantes deste grupo possui pelo menos 40 anos de atuação e contribuição à arte do judô, vigiando seus preceitos e usando sua proficiência no esporte para o desenvolvimento de novas gerações de judocas - portanto, a narrativa e experiências destes sujeitos, através de seus relatos, contribuem para o propósito deste estudo, bem como possibilitam compreender aspectos históricos que nos auxiliam a entender a disseminação desse esporte no Rio Grande do Sul, em específico, e no Brasil, como um todo.

Palavras-chave: judô, arte marcial, kodansha, história do esporte

ABSTRACT

Judo, in a more literal translation, means "the way of gentleness"; when Jigoro Kano conceived the concept in 1882, the whole came together in a single method: discipline, respect and humility. Those are components that shape the human being through a systematized body practice, thus promoting the improvement of the individual and, consequently, of society. The technology of the martial art, far beyond performance, as far as the competitive aspect is concerned, has following a path as a premise, applying itself to a process in a corporeal, behavioral and social system, transforming not only one but also their environment as a consequence. Taking as a starting point a reflection on this holistic perception of judo, the present work aims to describe the role of the members of the *Conselho de Kodanshas do Rio Grande do Sul* (or Council of Kodanshas) in the preservation, maintenance and propagation of the intrinsic values of judo. Using Oral History as method, the statements of the members of the Council that showed the forms of propagation of the phenomenon, which are not related to the high performance, but for example by social inclusion that is developed through an initiative of the Kodansha Marcelo Opelt. As the most senior members of the Council, it is incumbent upon each one of the members of this group to have at least 40 years of performance and contribution to the art of judo, monitoring their precepts and using their proficiency in sports for the development of new generations of judokas - therefore, the narrative and the attitudes of those individuals, through their own reports, contribute to the purpose of this sport, as well as the possibility of dealing with the historical aspects that help understand the dissemination of the sport in Rio Grande do Sul, in particular, and in Brazil, as a whole.

Keywords: judo, martial arts, kodansha, history of sport

SUMÁRIO

SUMÁRIO	20
1 INTRODUÇÃO	11
2 REVISÃO DE LITERATURA	13
3 REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO	17
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	20
4 KODANSHAS	22
4.1 OS KODANSHAS DO RIO GRANDE DO SUL.....	23
5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	277
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32
ANEXOS/APÊNDICES	35
APÊNDICE 1	36
APÊNDICE 2	37
APÊNDICE 3	38

1 INTRODUÇÃO

O judô foi criado em 1882 por Jigoro Kano, no Japão. Foi trazido ao Brasil por imigrantes japoneses, estabelecidos inicialmente em São Paulo, no início do século XX. O judô se espalha por outros estados brasileiros e, nos anos que se seguem, ocorre a fundação de várias federações estaduais que passam a regular a prática e o ensino da modalidade (NUNES, 2013). A popularização, a propagação e o processo de institucionalização do judô no Rio Grande do Sul se misturam de forma indiscutível às histórias de vida dos integrantes do Conselho de Kodanshas. A construção do judô institucionalizado como conhecemos nos dias atuais, teve seu ponto de partida em 1969, ano de fundação da Federação Rio-Grandense de Judô (MADURO 2011). Os passos que precederam este acontecimento e os posteriores foram dados por sujeitos que visualizaram a importância de homogeneizar¹ a prática do judô; formando e reunindo mais praticantes, promovendo torneios e campeonatos a fim de fortalecer a esta arte marcial.

Desde a fundação da Federação até o presente momento, o judô gaúcho evoluiu exponencialmente no que se refere ao ensino, à estrutura e à excelência técnica, tornando-se notório nacional e internacionalmente. Em detrimento da evolução e reconhecimento citados, o judô, em algumas situações, acabou tornando-se sinônimo de competição e seus valores intrínsecos parecem ter sido preteridos. Alguns dos protagonistas na edificação do judô do Rio Grande do Sul conceberam que, com a ênfase nas competições esportivas, os demais elementos constituintes do judô estavam se diluindo e perdendo relevância. O Professor Osório, membro do Conselho de Kodanshas evidencia o distanciamento dos valores tradicionais do judô em algumas condutas, sob alguns aspectos. Ocorreu muita evolução, com ênfase na parte competitiva, em detrimento da parte histórica e filosófica. Osório quando foi responsável técnico retirou algumas técnicas das categorias mirins e infantil e foi duramente criticado por outros professores, pois para os mesmos o importante era ganhar:

¹ Homogeneizar: é aqui tomado como a possibilidade de padronizar a prática e o ensino do judô de forma que todos os ambientes de ensino passassem a utilizar os mesmos termos em japonês para denominar os nomes das técnicas, respeitar e reproduzir os mesmos rituais que antecedem e finalizam os treinos, preservar a etiqueta necessária para frequentar o dojo, entre outras.

O guri entrava no judô e ensinava o *morote gari*, o guri nem sabia cair direito e colocava na competição, então saía correndo e pegava das pernas, chegava a dar sessão pastelão dos guris vindo correndo e bater com a cabeça e cair de novo, cair para trás. Os gordinhos era o *soto makikomi* que não era, era o “punho *makikomi*”, os gordinhos se pegavam do punho do outro e se jogavam no chão, seria o *makikomi*, mas não dá, até que uma dessas levavam a ganhar, até ele ficava um semestre, um ano no judô, quando ele não conseguia mais fazer aquilo ali, perdia o interesse, não ganhava mais medalha. Então eu consegui tirar essas técnicas, aí os professores de modo geral ficaram muito brabos com a minha atitude, mas eles não ensinavam judô e as crianças não aprendiam judô, eles aprendiam a ganhar... (RIBEIRO, 2015, p. 13)

Este trecho de depoimento demonstra o quanto alguns judocas, sobretudo os mais antigos, perceberam a necessidade de criar algo que de certo modo pudesse manter e valorizar algumas tradições e valores vinculados ao judô sem ênfase na competição.

Surge assim, no dia oito de agosto de 2009, o Conselho de Kodanshas do Rio Grande do Sul, com o intuito de preservar a história do judô no que se refere à disciplina, técnica, postura, respeito - em suma, alguns dos componentes identificados como integrantes desta arte marcial. Tal iniciativa tinha como uma de suas metas evitar que o judô fosse praticado limitando-se à sua dimensão de competição. Observando esse cenário busco nesta pesquisa descrever como seus integrantes entendem o papel que desempenham na preservação de valores, princípios e tradições da modalidade. Considerando para este trabalho três eixos: iniciação à modalidade, preservação e propagação de grupos de técnicas não utilizadas em competições e inclusão social.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Contextualizando historicamente podemos afirmar que o judô se estabeleceu no Brasil a partir dos estudos de Jigoro Kano, que foi um filósofo japonês, estudioso de inúmeras escolas do antigo jiu jitsu japonês, arte marcial que ele considerava violenta (NUNES, RUBIO, 2012).

Ainda segundo os autores, Jigoro Kano buscou criar um método de ensino sistemático com princípios que buscavam o aprimoramento da sociedade. Em sua proposta de prática, Jigoro Kano adaptou o antigo jiu jitsu japonês - eliminando os golpes mais violentos e, quando necessário, criando novos golpes; deste modo, desenvolveu o que hoje chamamos de judô. Em 1882, Kano funda a escola de judô Kodokan em Tóquio, conferindo maior visibilidade para a modalidade. É importante ressaltar que a Kodokan era considerada também uma escola de jiu jitsu, porém com metodologia de ensino diferenciada, tanto que durante muito tempo a prática foi chamada de *jiu jitsu Kano* (NUNES, RUBIO, 2012). Um dado interessante que percebi durante a minha pesquisa corrobora para que houvesse diferentes formas de se referir ao mesmo sistema de combate, o que gerou certa confusão. Em 1925, por exemplo, através de um Édito Imperial o nome judô passa a representar todas as escolas de jiu jitsu no Japão (NUNES, 2013), notícia que demorou a ser assimilada em diferentes partes do mundo e resultou em estabelecer posteriormente o nome judô.

Para explicar como o judô chegou ao Brasil existem duas possíveis versões. A primeira afirma que o judô veio junto dos imigrantes japoneses que estavam a bordo do navio Kasato Maru em 1908. Tal versão aponta que esses imigrantes tinham por finalidade manter sua cultura e seus costumes em um território até então desconhecido. A segunda versão conta que a modalidade chegou por intermédio de um grupo de lutadores de demonstração ou lutadores professores; Mitsuyo Maeda (Conde Koma) e Soishiro Satake, ambos representantes da Kodokan. Segundo as fontes pesquisadas, Conde Koma teve uma breve passagem por Porto Alegre em 1914, que não rendeu muitos frutos. Em seguida, percorreu diversos estados do Brasil fazendo demonstrações da eficácia de suas técnicas de judô (NUNES, KOSMANN, SHOURA 2005).

Posteriormente, Conde Koma estabeleceu-se em Belém do Pará onde ensinou técnicas a Carlos Gracie, que viria a criar o *Brazilian Jiu Jitsu* (NUNES,

RUBIO, 2012). Vale ressaltar que a nomenclatura da prática corporal que era ensinada gerava controvérsia, visto que não raras vezes os termos judô e jiu jitsu eram empregados para denominar o mesmo sistema de técnicas. Quando a prática, ensinada por Koma, se referia às lutas de vale tudo ou defesa pessoal era chamada de jiu jitsu e, quando se referia ao ensinamento das técnicas com objetivos de formação e mais adiante de competições, chamavam-na de judô. Nesse período, o termo mais utilizado no Brasil era Jiu Jitsu Kano e assim permaneceu até a criação das federações regionais (NUNES, 2014).

A disseminação do judô no Rio Grande do Sul se deu através de Aloísio Nogueira Bandeira de Melo, mais conhecido como professor Loanzi, nascido no Estado da Paraíba. O Professor Loanzi e seu Dojô no Esporte Clube Ruy Barbosa² são considerados pela comunidade gaúcha a provável origem do judô no Rio Grande do Sul (MADURO 2011). Segundo os registros consultados, as primeiras manifestações da modalidade se deram durante as comemorações do Centenário da Revolução Farroupilha, que aconteceu no ano de 1935 onde Loanzi fez demonstrações de técnicas de judô durante as festividades (NUNES, KOSMANN, SHOURA 2005). Nas décadas de 1950 e 1960 o professor Loanzi ministrou aulas no Dojô do Esporte Ruy Barbosa, local onde ocorreu a formação dos primeiros praticantes e dos líderes responsáveis pela institucionalização da prática do judô no estado.

Outro fato que contribuiu para a estruturação do judô do Rio Grande do Sul foi a ida dos atletas Osvaldo Monteiro dos Santos, Delamar Teixeira da Silva e Newton Cardoso até São Paulo para realizar um período de treinamento e aperfeiçoamento na escola do Professor Ryuzo Ogawa, (MADURO, 2011). Esse estágio de aperfeiçoamento significou um salto qualitativo no ensino do judô no Estado. Separou-se em definitivo a prática do judô de outras formas de luta, novos conhecimentos como o nome correto das técnicas em japonês foram promovidos, além do emprego do ritual e das etiquetas exigidas nos tatames - com isso, os atletas também foram colocados a par da filosofia do judô. Tão logo esses judocas desembarcaram em Porto Alegre, iniciou-se o processo de colocar em prática a

² Esporte Clube Ruy Barbosa havia sido um clube de futebol localizado na subida da rua Caldas Júnior com a Riachuelo em Porto Alegre. Quando foi apropriado pelos judocas, foi mantido o nome desta agremiação esportiva.

experiência adquirida na Escola Budokan de Ryuzo Ogawa ³e assim difundir a modalidade da forma mais próxima de como a conhecemos na atualidade.

Durante depoimentos colhidos para a pesquisa, evidenciou-se que a forma como estava organizada a prática do judô na época divergia muito de como está estabelecida hoje. Segundo Francisco Xavier de Vargas Neto, o judô praticado na época era rudimentar e por vezes agressivo, no que diz respeito inclusive ao método de ensino: “O pessoal ensinava a lutar, ensinava a brigar, e o cara se sobressaía se fosse brigão mesmo, a técnica era muito pouco [sic]” (2014 p.3).

O caráter informal e espontâneo da prática era reforçado pela falta de um órgão de regulamentação. Com a multiplicação dos locais que tinham por objetivo o ensino do judô, ocorreu necessidade da criação de normas que fossem comuns aos mais variados espaços que viabilizam o intercâmbio, ferramenta importante para a difusão e melhor desenvolvimento do esporte. Esse mesmo órgão seria responsável por reunir as academias para possibilitar a realização de torneios e campeonatos, bem como competições internas. Para tanto, foi criado o Departamento de Judô dentro da Federação Rio-Grandense de Pugilismo, passo que antecedeu a fundação da Federação Gaúcha de Judô, órgão criado para organizar e controlar a prática de judô no estado (MADURO, 2011).

As evidências apontam para o estágio de treinamento e aperfeiçoamento realizado em 1959 (MADURO, 2011) pelos atletas Delamar Teixeira da Silva, Osvaldo Monteiro dos Santos e Newton Cardoso, oriundos do Dojô Ruy Barbosa na escola de Ryuzo Ogawa, a Budokan, como a principal etapa do processo que modificou o judô em vários aspectos no Rio Grande do Sul. A desvinculação em definitivo do judô de outras formas de luta caracteriza uma alteração que contribuiu para conferir maior credibilidade à prática, em parte semelhante à observada na mesma época em locais como São Paulo e Paraná, regiões com forte colonização japonesa, portanto com tradição no judô. A padronização do judô promoveu um maior intercâmbio entre as escolas e a promoção de torneios e campeonatos. Concomitantemente, a esportivização, comentada por Nunes (2014, p. 12) atraiu inclusive praticantes de outras formas de luta que migraram de modalidade com o objetivo de se promover, competir e aproveitar a repercussão gerada pela a entrada do judô no programa dos Jogos Olímpicos de Tóquio em 1964. É nesse contexto

³ Ryuzo Ogawa, fundador em 1938 da Escola Budokan, considerada a mais antiga escola de judô do Brasil.

que ocorreu a institucionalização do judô no final da década de 1960, etapa que colocou em definitivo o Rio Grande do Sul no cenário nacional das competições (MADURO, 2011). Esse ciclo se iniciou com a criação de um Departamento na Federação Gaúcha de Pugilismo que logo demandaria autonomia remetendo então para a fundação da Federação Gaúcha de Judô em 1969 e sua filiação à Confederação Brasileira de Judô em 1970.

3 REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO

Neste capítulo, apresento como a História Oral pode contribuir para descrever, através dos depoimentos dos integrantes do Conselho de Kodanshas do Rio Grande do Sul, como os valores do judô são mantidos. A História Oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida e outros aspectos da história contemporânea (ALBERTI, 2004). A introdução da História Oral no Brasil data dos anos 70, porém somente nos anos 90 experimentou uma expansão mais significativa. A multiplicação de seminários e a incorporação pelos programas de pós graduação em história e cursos voltados para à discussão oral são indicativos importantes da vitalidade e dinamismo da área (FERREIRA; AMADO, 1996). Em 1994 foi criada a Associação Brasileira de História Oral, que congrega membros de todas as regiões do país, reúne-se periodicamente em encontros regionais e nacionais, e edita uma revista e boletim. A expansão mencionada anteriormente proporcionou mais adeptos à História Oral, ampliando o intercâmbio entre os que a praticam, historiadores, antropólogos, cientistas políticos, teóricos da literatura, psicólogos entre outros. Segundo Alberti (2004), de acordo com os propósitos da pesquisa, definidos com relação ao tema e a questão que se pretende investigar, é possível escolher o tipo de entrevista a ser realizada: entrevistas *temáticas* e entrevistas de *história de vida*.

Para tanto, o tipo de entrevista utilizada para esta pesquisa foi a de história de vida que segundo a mesma autora, tem como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória de vida desde a infância até o momento de sua fala, rememorando as conjunturas que presenciou, vivenciou e das quais se interou. O método história de vida baseia-se na história que os indivíduos relatam sobre seus cotidianos ou mesmo fatos que já ocorreram (MACCALI; MINGHINI; WALGER; ROGLIO, 2013). Portanto, baseia-se na “premissa de que os conhecimentos sobre os indivíduos só são possíveis com a descrição da experiência humana, tal como ela é vivida e tal como ela é definida pelos seus atores” (Spindola & Santos, 2003, p.120).

Ao reunir os depoimentos dos integrantes do Conselho de Kodanshas de forma mais abrangente entende-se que “o uso sistemático do testemunho oral

possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não tem como ser entendidos ou elucidados de outra forma” (FERREIRA; AMADO, 1996). Portanto, o uso da História Oral se justifica para descrever as contribuições realizadas por este grupo ao judô do Rio Grande do Sul.

O presente trabalho conta, além da abordagem teórico-metodológica da História Oral, com a vertente da História de Vida, bem como fontes documentais (livros, dissertações, teses, revistas entre outros), material incorporado com o intuito de desvendar como foi a evolução do judô no Rio Grande do Sul e a contribuição de alguns integrantes do Conselho de Kodanshas nesse processo, e principalmente descrever o papel destes sujeitos na manutenção dos valores intrínsecos desta arte marcial. Dentre os diferentes métodos para a condução da pesquisa há o método biográfico, definido por Denzin (1988) como o estudo e a coleta de documentos de vida, que descrevem os momentos da vida das pessoas. Segundo o autor, há vários modos de escrever sobre a vida das pessoas: cartas, diários, histórias orais, histórias pessoais entre outros. A história de vida ou história pessoal seria um método biográfico que objetiva o apontamento escrito da vida de uma pessoa baseada em conversas ou entrevistas (DENZIN, 1988). Cabe ressaltar que na literatura, a História de Vida pode ser encontrada de algumas formas: como fonte, considerando fotos, depoimentos, diários, entre outros (MACEDO; GOELLNER, 2013) e como técnica, na construção de entrevistas (SOUSA, 1997, VÍCTORA; KNAUTH; HASSEN, 2000). Todas as abordagens se complementam e mantêm uma direção: o relato. Segundo Ferreira e Amado (1996) “a pesquisa das fontes orais apóia-se em pontos de vista individuais, expressos nas entrevistas; estas são legitimadas como fontes (seja por seu valor informativo, seja por seu valor simbólico)”.

Segundo Hacth e Wisniewski (1995) a utilização da História de Vida como metodologia de pesquisa data de 1920 quando antropólogos utilizaram esta abordagem para descrever culturas nativas americanas. No Brasil, segundo Queiroz (1988), a História de Vida teve um breve aparecimento no final da década de 1940 e no início da década de 1950 manteve-se inexplorada.

Bertaux (1997) assevera que a História de Vida apresenta três funções. Na função exploratória o pesquisador coleta os primeiros relatos para melhor compreender seu campo de pesquisa, porém estes não terão ainda formato de histórias de vida, mas trarão testemunho com descrição da realidade que ainda não

é habitual ao pesquisador. Efetuadas as primeiras funções exploratórias, a história de vida passa a desempenhar a função analítica, e é justamente nessa fase que o pesquisador começa a fazer as suas primeiras apurações, construir suas primeiras conjecturas e verificá-las. E finalmente, segundo Bertaux (1997), a função expressiva, a qual renega uma investigação mais aprofundada das histórias de vida fazendo apenas uma transcrição absoluta dos relatos. Analogamente, ao longo do andamento da pesquisa, foi justamente durante os primeiros depoimentos que tive o conhecimento sobre a organização do Conselho, número de integrantes e função desempenhada por cada membro. Por conseguinte, os campos de atuação de cada elemento do Conselho e como seus procedimentos corroboram para a propagação, manutenção e preservação do judô. Entretanto, a função expressiva que a História de Vida apresenta, afirmada por Bertaux (1997), não se verifica no desenrolar deste trabalho, pois há sim uma investigação otimizada, uma vez que através dos relatos fica evidente que parte dos integrantes do Conselho são contemporâneos e viveram de modo similar e muito próximo às transições do “fenômeno” judô ocorrido no estado do Rio Grande do Sul.

A entrevista é o meio pelo qual é gerada a história oral, que de fato pode ser definida como um trabalho de reconstrução de memórias, assim sendo, as entrevistas produzidas para o presente estudo foram tratadas de acordo com os procedimentos teórico e metodológicos do Projeto Garimpando Memórias desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte (ESEFID/UFRGS). Este projeto existe desde 2002 e tem por objetivo “a realização de entrevistas com pessoas cuja história de vida esteja relacionada com a estruturação e consolidação do esporte, lazer, educação física e dança no Rio Grande do Sul e Brasil” (GOELLNER et al, 2012). Uma de suas principais ações é a produção de fontes com aporte teórico-metodológico na história cultural e na história oral. Para a coleta de depoimentos segui os passos do Manual Básico do Projeto que se baseou inicialmente nas orientações do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas (CPDOC). Os procedimentos adotados são os seguintes:

- 1) Escolha das pessoas a serem entrevistadas e contato com as mesmas.
- 2) Elaboração de um roteiro (mediante pesquisa prévia para obter informações sobre a pessoa entrevistada e seu envolvimento, relevância e significado com o tema da pesquisa).

3) Realização da entrevista: registradas por meio de mídia digital (gravador), poderão ser temáticas (sobre o presente estudo) ou sobre a história de vida do/a próprio/a entrevistado/a.

4) Processamento da entrevista: envolve a transcrição do áudio em um documento de texto, o copidesque (conferência do áudio com a parte escrita e ajuste do documento para sua melhor interpretação), a pesquisa (registra o maior número de informações possíveis, visto que pessoas de diferentes contextos terão acesso às entrevistas), e a revisão final (feita pela coordenadora do projeto para liberação da publicação).

5) Devolução da entrevista: após a finalização dos processos pós-entrevista, a pessoa entrevistada recebe uma cópia transcrita para fazer conferência de seu depoimento, podendo ou não fazer alterações no mesmo.

6) Assinatura da Carta de cessão: documento que autoriza o Centro de Memória do Esporte (UFRGS/ESEFID) a publicar e divulgar a entrevista. Deve ser assinada pelo/a entrevistado/a no momento da entrevista ou após a conferência final.

7) Catalogação da entrevista: visa a organização do acervo do Projeto Garimpendo Memórias. 8 – Disponibilização da entrevista por meio do LUME - Repositório Digital da UFRGS e dos portais na internet do Centro de Memória do Esporte E do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO).

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa se caracteriza como um estudo de caso, com abordagem qualitativa e corte transversal e tem sua fundamentação teórico-metodológica na História Oral, tendo buscado ouvir depoimentos de alguns integrantes do Conselho de Kodanshas do Estado do Rio Grande do Sul. Estes sujeitos têm pelo menos 40 anos dedicados à prática do judô nas mais diferentes frentes: iniciação à modalidade, formação de judocas faixas pretas e alto rendimento. O conselho é composto por 13 judocas e todos foram convidados a participar do presente estudo, prestando entrevistas sobre a sua vivência dentro da arte marcial.

Os critérios de inclusão foram: a) Judocas que concordam em conceder entrevista; b) Judocas que são faixas pretas; c) Ser membro ou ter alguma ligação com o Conselho de Kodanshas. Foram realizadas nove entrevistas, a saber:

Figura 1 - Lista de Kodanshas

Nome	Idade	Tempo no Judô
Almerindo Batista da Silva	85	55
Antônio Carlos Pereira (Kiko)	50	42
Antônio Augusto da Silva Fontoura	68	55
Cid Corrêa Rodrigues Júnior	53	41
Eliane Pintanel Teixeira Prondzynski	53	38
João Osório Marques Ribeiro	67	50
Luiz Alberto Figueira de Moraes	73	49
Marcelo Opelt Xavier	48	40
Osvaldo Monteiro dos Santos (falecido em 2017)	84	62

Fonte: Autor.

Além dos depoimentos cedidos pelos integrantes do Conselho de Kodanshas do Rio Grande do Sul para o interesse desta pesquisa, foram também coletados depoimentos de outros praticantes de judô que serviram para estabelecer um melhor entendimento sobre a prática, ensino, promoção, evolução e propagação do judô, são eles: João Derly de Oliveira Nunes Júnior, Alexandre Velly Nunes, Felipe Kitadai e Francisco Xavier de Vargas Neto.

4 KODANSHAS

“Primeira coisa que vem na cabeça é que a gente está há muito tempo no judô...”

Sensei Cid Correa Júnior (Kodansha)

No judô, o sistema de graduação dos atletas é feito por meio de concessão de faixas que é dividido em duas fases: Kyu que vai da faixa branca até a marrom (branca, cinza, azul, amarela, laranja, verde, roxa e marrom), e a fase Dan que vai da faixa preta até a vermelha (após a faixa marrom, faixa preta 1º Dan, faixa preta 2º Dan, faixa preta 3º Dan, faixa preta 4º Dan, faixa preta 5º Dan, faixa coral – vermelha e branca 6º Dan, permanecendo com a faixa coral até o 8º Dan, 9º e 10º Dan faixa totalmente vermelha). Da faixa branca até a azul existe a carência mínima de três meses em cada faixa, da azul até a amarela seis meses e da amarela até a marrom, um ano. Para o judoca se graduar faixa preta são exigidos exames teóricos práticos, com carência mínima de um ano como faixa preta ele passa a segundo Dan. Para passar do segundo Dan para o terceiro carência mínima de quatro anos e então até sexto Dan é acrescido um ano a mais em cada progressão. Para se tornar Kodansha (sexto Dan) são avaliados uma série de fatores, dentre eles a vida como atleta, contribuições junto a Federação, quantos judocas faixas pretas o professor avaliado formou, cargos administrativos ligados ao judô. Para atingir essa graduação são consideradas publicações como livros e artigos, em síntese, uma vasta experiência dentro da modalidade. Segundo os depoimentos de Cid Correa Júnior e Marcelo Opelt obtidos para esta pesquisa, ser Kodansha significa estar há tempo se dedicando ao judô, existem os que defendem que caracteriza uma pós-graduação no judô; momento de estudo, de reflexão, de esmero ao permear a essência do judô, deixar menos evidente o contexto competitivo da luta. Dentre as atribuições de um Kodansha está o estudo, o resgate aprofundado do judô na sua integridade. Kodansha significa ser representante da Kodokan (escola fundada por Jigoro Kano, criador do judô em 1882), estar aproximado e aproximar cada vez mais os seus alunos das raízes do judô, amparado pelo aporte técnico, filosófico e moral que os anos de experiência sedimentaram. Ressaltar elementos que não são comuns em espaços onde predomina o alto rendimento e a competição como, por exemplo, os katas (técnica de formas) e atemi waza (técnicas de ataque a pontos vitais).

4.1 OS KODANSHAS DO RIO GRANDE DO SUL

Durante a coleta, identifiquei que no Rio Grande do Sul existem treze Kodanshas: Osvaldo Monteiro dos Santos, Luiz Alberto Figueira de Moraes, Almerindo Batista, Teruo Obata, Antonio Augusto da Fontoura, Sérgio Zimmermann, Fernando Kuse, Antonio Carlos Pereira, Eliane Proudzyński, Marcelo Xavier, Antonio Irigarai, Cid Correa Junior e Breno Jones. Destes consegui contatar nove, com os quais realizei entrevistas.

a) Osvaldo Monteiro dos Santos

Nascido em seis de outubro de 1934, o Professor Osvaldo Monteiro dos Santos iniciou sua trajetória no judô na década de 1950, junto ao Sport Club Ruy Barbosa, local considerado responsável por formar os primeiros faixas pretas do Rio Grande do Sul. O dojô em questão era conduzido por Aloizio Bandeira de Melo, mais conhecido como Loanzi, reconhecido por ter feito demonstrações de técnicas de judô no Centenário da Revolução Farroupilha em 1935, em síntese, um dos pioneiros desta arte marcial no Rio Grande do Sul. O Professor Osvaldo relata que integrou a polícia de choque e com sua experiência em lutas, dentre elas boxe e judô, começou a dar aulas de defesa pessoal em entidades como a Polícia Civil de Porto Alegre, bem como no Exército Brasileiro. Em meados da década de 1950, Osvaldo foi a São Paulo com o objetivo de fazer curso de especialização em judô na Escola Budokan, à época localizada no bairro da Liberdade, considerada a mais antiga do país, fundado em 1938 e orientada por Ryuzo Ogawa. A partir dos conhecimentos adquiridos em sua passagem por São Paulo, Osvaldo iniciou um processo de homogeneização da prática e ensino do judô no estado, visando garantir que a etiqueta no tatame, os rituais e os nomes das técnicas fossem iguais em todos os espaços de ensino. O Professor Osvaldo atuou em diversos clubes durante a sua trajetória dentre eles o Grêmio Foot Ball Porto Alegrense. Se tornou Kodansha no início da década de 1990 e em 2009 participa da fundação do Conselho de Kodanshas.

b) Almerindo Batista da Silva

Nascido em 24 de fevereiro de 1933, o Professor Batista, como é conhecido, iniciou no judô em 1965 por recomendação médica, aos 32 anos de idade, na época servia na 6ª Divisão de Infantaria em Porto Alegre. No período de 1969 a 1976, participa de competições pelas Forças Armadas a nível estadual e nacional. Foi o responsável por inserir o judô na cidade de São Leopoldo e em 1970 funda a Associação de Judô GABA.

c) Antônio Augusto Silva da Fontoura

Nascido em 21 de outubro de 1950, o Professor Antônio iniciou a prática do judô aos 13 anos por influência do pai, que o levou ao Sport Club Ruy Barbosa. Em sua trajetória, atuou em inúmeros clubes como professor, dentre eles SOGIPA, Cruzeiro e Grêmio Foot Ball Porto Alegrense, além de ter sido árbitro internacional e ter formação nesta área feita no Japão. Tornou-se Kodansha no início da década de 1990.

d) Eliane Pintanel Teixeira Prondzynski

Nascida em 18 de fevereiro 1965, a Professora Eliane iniciou no judô em 1980 na Academia Stylo Judô Clube, por influência da mãe. Participou de seletiva para Olimpíada de Barcelona em 1992 na Espanha e foi terceira colocada no Pan-Americano de 1988 em Buenos Aires, Argentina. Foi diversas vezes campeã estadual, brasileira e sul-americana. É especialista em kata (técnica de formas) competindo inclusive no másters. Tornou-se Kodansha em meados da década de 1990.

e) João Osório Marques Ribeiro

Nascido em 15 de agosto de 1951, o Professor Osório, como é conhecido iniciou no judô em 1968 na ACM (Associação Cristã de Moços), aos 16 anos de idade. Em sua trajetória passou por clubes como Grêmio Náutico Gaúcho, Grêmio Foot Ball Porto Alegrense e CETE (Centro Estadual de Treinamento Esportivo). No

Sul-Americano masters de 2012 sagrou-se campeão. Tornou-se Kodansha em 2014.

f) Luiz Alberto Figueira de Moraes

Nascido em 26 de dezembro de 1945 o Professor Moraes, como é conhecido iniciou a prática do judô em 1969 na ACM (Associação Cristã de Moços), aos 18 anos de idade. Durante sua trajetória foi árbitro da Federação Gaúcha de Judô, passou por clubes como Sport Club Internacional e Lindóia Tênis Clube. Tornou-se Kodansha no início da década de 1990.

g) Cid Correa Junior

Nascido em 12 de setembro de 1965, o Professor Cid começou no judô aos 12 anos de idade em 1977 no Grêmio Náutico Gaúcho. Foi competidor até a década de 1980 e passou por diversos clubes ministrando aulas, dentre eles Sport Club Internacional e Grêmio Sargento Expedicionário Geraldo Santana. Tornou-se Kodansha em 2004.

h) Marcelo Opelt Xavier

Nascido em 22 de junho de 1970, o Professor Marcelo começou no judô aos 8 anos de idade no Grêmio Foot Ball Porto Alegrense. Ministrou aulas em clubes como Grêmio Foot Ball Porto Alegrense, além de desenvolver um projeto de inclusão social com comunidade deficiente e carente no CETE (Centro de Treinamento Esportivo). Tornou-se Kodansha em 2014.

i) Antônio Carlos Pereira

Nascido em 11 de março de 1968 Professor Kiko, como é conhecido, começou no judô na Sociedade Gondoleiros. Há mais de 30 anos desempenha um sólido projeto de formação de atletas de competição da SOGIPA, treinando Mayra Aguiar e Felipe Kitadai. Foi professor formador e treinador do início ao fim da

carreira de João Derly e, conseqüentemente, responsável por todos os seus títulos - nacionais e internacionais. Tornou-se Kodansha em 2011.

5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Segundo Nunes (2014), nos Jogos de Munique, em 1972, o judô entra para o Programa Olímpico. Esta foi uma circunstância que gerou maior divulgação da modalidade no Brasil e, conseqüentemente, lutadores de outras artes marciais, inclusive jiu jitsu, migraram para o judô, pois ministrar aulas desta prática nas academias passou a gerar mais lucro. Já em 1988, nas Olimpíadas de Seul, Aurélio Fernandez Miguel conquista a medalha de ouro na categoria meio-pesado. Pode-se dizer que estes acontecimentos favoreceram o caráter competitivo da prática. Entretanto, para o intuito desta pesquisa, foram analisados os depoimentos concedidos por alguns integrantes do Conselho de Kodanshas e ficou evidente que outros entendimentos e manifestações são proporcionados através da prática do judô que não só como objetivo fim a competição. Sendo assim, este capítulo será destinado a descrever os valores do judô manifestados sob os eixos: iniciação à modalidade, preservação e propagação de grupos de técnicas não utilizadas em competições e inclusão social.

Em sua entrevista, Osório (2015) relata a sua trajetória no judô, em dado momento comenta especificamente sobre a sua atuação na Comissão de Graus, órgão pertencente à Federação Gaúcha de Judô que oferece o curso, avalia e promove aos graus superiores os faixas pretas. Cabe aqui ressaltar que a grande maioria dos centros esportivos, academias e clubes que oferecem à modalidade judô não oferecem a parte de técnicas de *katas*⁴ incorporado no processo de ensino e aprendizagem do judô. Técnicas que são meio de avaliação para que o judoca possa avançar no sistema de graduação, sempre agregando um grupo de técnicas de *kata* a cada sujeição de currículo para um *Dan*⁵ subsequente. Osório oferece os cursos de padronização dos *katas*, bem como também avalia os candidatos à faixa preta e graus avançados, especificando que dos sete grupos de *katas* existentes no judô, a Comissão de Graus ministra pelo menos quatro: “De acordo com manual do candidato, tem aquelas exigências, então para sair faixa preta ele tem que saber o *nage no kata*, para sair segundo *Dan* ele tem que saber, reciclar o *nage no kata* e saber o *katame no kata* e assim por diante.”

⁴ Conjunto das técnicas fundamentais que literalmente significa formas. Um método de estudo especial, para transmitir a técnica, o espírito e a finalidade do judô.

⁵ Denominação de cada um dos graus de maestria atribuídos a alguém dentro do sistema de avaliação no judô, após ultrapassar o nível *kyu*.

A Professora Eliane Prondzynski, primeira mulher Kodansha no Rio Grande do Sul, integrante da Comissão de Graus e ministrante dos cursos preparatórios de exames de faixas pretas, desempenha a mesma função de Osório, além de competir em campeonatos de *kata*. Os grupos de técnicas existem para passar na graduação, processo que exige domínio e proficiência nas técnicas de *kata* de forma cumulativa para prestar os exames. Em seu depoimento, Eliane comenta que no estado não havia ninguém especializado nestas técnicas pertencente ao judô, de forma que ela, Roberson e Osório passaram a estudar, se aprofundar no modelo proposto pela Kodokan e ministrar orientação: “Depois o *katame no kata*, são quinze técnicas também que tu tem que apresentar no solo, para o segundo grau e assim por diante. O *kime no kata*, o *ju no kata*, *goshin jitsu*, são para outros *Dans*, graus.”

Com base nos depoimentos da Professora Eliane e do Professor Osório nota-se a importância do trabalho desempenhado junto à Comissão de Graus, sem o qual não ocorreria a propagação dos conhecimentos do judô no quesito *katas*, nem a multiplicação de judocas faixas pretas que ministram aulas em todo o estado do Rio Grande do Sul. Outro componente que merece reflexão através das falas dos entrevistados é que diferentes centros esportivos e academias de judô não ministram aulas de *kata* por não caracterizarem técnicas especificamente preparatórias para o combate e consequentemente competição, sendo estas consideradas técnicas pouco atrativas em comparativo com técnicas de projeção, por exemplo. Em suma, sem a constante qualificação, atualização e treinamento destes Kodanshas a formação de faixas pretas estaria prejudicada, sendo estes protagonistas a chave principal para a ampliação da qualificação de faixas pretas que promovem a iniciação no judô.

O Professor Marcelo Opelt tem um sólido projeto de inclusão desenvolvido no Centro Estadual de Treinamento Esportivo (CETE) dentre suas conquistas está trabalhar com populações especiais, nisso, formou o primeiro faixa preta cego do Rio Grande do Sul, Hélio Passos. Ainda, o projeto conta com alunos com deficiência intelectual: down, autismo e paralisia cerebral. Cabe destacar que Marcelo, em seu depoimento, solicita aos seus colegas que também acolham estas populações: “Eu sempre tentei que os professores atendessem essa demanda por que eles fazem parte da nossa sociedade, então eu sempre costumo levantar essa discussão...” A

atuação do Professor Marcelo Opelt ilustra um viés de inclusão proporcionada pela prática do judô, um mecanismo de resgate através desta modalidade esportiva.

O Professor Almerindo Batista, pioneiro na introdução do judô em São Leopoldo na década de 1970 e fundador da Associação GABA comenta sobre suas percepções a respeito das modificações ocorridas no judô ao longo do tempo. A redução dos locais que ensinam *Atemi-Waza*⁶ parte de defesa pessoal do judô composta por técnicas contundentes que utilizam chutes e socos tendo por objetivo atingir pontos específicos do oponente causando dor. Segundo Batista, o *Atemi-Waza* foi sendo deixado de lado no processo de ensino aprendizagem do judô pelo fato de tais técnicas não serem permitidas no judô competitivo. Com o intuito de manter os saberes do judô o mais íntegros possíveis, Batista conta em sua escola com João Neri Sater Mello, professor especialista em *Atemi-Waza* que ministra aulas das técnicas aos faixas pretas da Associação. Ainda, Batista ressalta em vários momentos de seu depoimento que o objetivo principal do judô não é à formação de atletas para competição, em suas palavras o judô ajuda a formar “homens de bem, sadios”, além de se revelar entusiasta da iniciação da modalidade para crianças: “Eu gosto de dar aula mais para crianças. Para os adultos eu tenho um professor muito bom que é o professor Ferreira...”

Com base na análise dos depoimentos, tempo de atuação, experiência e apropriação da prática em questão, pode-se considerar que os Kodanshas buscam a preservação dos valores do judô interpretando que os eixos aqui enunciados: iniciação à modalidade, preservação e propagação de grupos de técnicas não utilizadas em competições e inclusão social representam uma constante problematização sobre a importância do fenômeno judô e visibilizam outras maneiras de sua manifestação que não só no meio competitivo.

⁶ Conjunto de técnicas que são aplicadas num determinado ponto, técnicas traumáticas aplicadas nos pontos vitais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa acadêmica teve como objetivo descrever como os integrantes do Conselho de Kodanshas laboram para preservar os valores do judô; defendendo a filosofia, as tradições, a inclusão social, a iniciação à modalidade, os elementos relacionados ao estudo, prática e ensino de técnicas que não são utilizadas em competições. Desta forma, discorrendo que o fenômeno judô não precisa ser apenas interpretado com o objetivo de servir apenas à alta performance. O estudo possui um recorte temporal que permite entender o contexto histórico da modalidade no Rio Grande do Sul. Como ocorre a sua modificação ao longo dos tempos e oferece a análise dos sujeitos que participaram dessa história, os quais problematizam o judô na essência, e questionam se os elementos desta arte marcial que foi proposta por Jigoro Kano são celebrados na totalidade.

Discutir aspectos que não são competitivos em uma modalidade de luta me parece uma incursão pouco usual, porém de extrema relevância. Infelizmente até o momento não tive contato com um trabalho semelhante. Para que este ocorresse buscou-se nas memórias de judocas que foram protagonistas e/ou vivenciaram o desenvolvimento da modalidade no estado do Rio Grande do Sul. Com base no referencial teórico, na pesquisa documental e nas entrevistas, se organizou um cruzamento de informações para análise entre as recordações e a literatura encontrada.

Apesar de o Conselho de Kodanshas à época da coleta de dados ser composto por treze judocas, e destes treze nove terem sido entrevistados, os depoimentos de Osório, Professora Eliane, Marcelo Opelt e Batista foram os que mais se alinharam ao objetivo da pesquisa. Ressaltando que a maioria das entrevistas tratavam em diferentes proporções sobre os valores intrínsecos e aspectos não competitivos do judô. Entretanto, por se tratar de um trabalho de cunho científico, o mesmo exigia estabelecer critérios e objetivos específicos, justamente então a necessidade de trabalhar sob três eixos: iniciação à modalidade, preservação e propagação de grupos de técnicas não utilizadas em competições e inclusão social. Para tanto a iniciação à modalidade, das quatro entrevistas, aparece em três, ou seja, os depoentes entendem como deve ser criteriosa essa etapa, rememorando o trecho de Osório no início deste trabalho sobre o compromisso do ensino do judô e não com “ganhar” competitivamente. Já a

propagação e ensino de técnicas não utilizadas em competições também aparecem em três depoimentos com um fato, na minha opinião curioso, Batista tem em sua Associação um judoca que ensina *Atemi-Waza* aos faixas pretas representando a sua preocupação para que as próximas gerações de judocas conheçam, pratiquem e ensinem este elemento do judô. E finalmente a inclusão social que é a tônica da fala de Marcelo Opelt, evidenciando que independente da condição física ou mental todos os sujeitos fazem parte da nossa sociedade e sendo o judô um esporte democrático todos devem ter acesso.

Das dificuldades encontradas na produção deste trabalho estavam a pouca literatura específica abrangendo a história do judô no estado do Rio Grande do Sul, induzindo a captar depoimentos de sujeitos que viveram as oscilações desta arte marcial. Acredito que para trabalhos posteriores seguir conectando informações relevantes sobre: a história e evolução do judô no estado, a atribuição da sociabilização que a arte marcial em questão possui e desvelar se o judô é celebrado em sua totalidade, assim como Jigoro Kano projetou.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALBERTI, Verena. **O que documenta a fonte oral?** Possibilidades para além da construção do passado. Brasília: FGV, 1996.

FONTOURA, Antônio Augusto Silva da. **Depoimento de Antônio Augusto Silva da Fontoura**. Porto Alegre: Escola de Educação Física, 2015. 16 f. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/175251/001063589.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 de agosto 2018.

KITADAI, Felipe. **Depoimento de Felipe Kitadai Eidji**. Porto Alegre: Escola de Educação Física, 2015. 8 f. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/148971/001004366.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 de agosto 2018.

JORAS, Pamela Siqueira. **Futebol e mulheres no Brasil: A história de vida de Aline Pellegrino**. Dissertação (Mestrado). 2015. 128 f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

CORREA JUNIOR, Cid. **Depoimento de Cid Correa Junior**. Porto Alegre: Escola de Educação Física, 2015. 25 f. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/194713/001094799.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 de agos. 2018.

JUNIOR, João Derly de Oliveira. **Depoimento de João Derly de Oliveira Nunes Junior**. Porto Alegre: Escola de Educação Física, 2013. 14 f. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/88712/000912686.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 de agos. 2018.

MADURO, Alcides Ramires Luiz. **A formação e a sua influência no papel do treinador de judô no planejamento dos treinos e nas competições**. Tese

(Doutorado). 2011. 120 f. Universidade de Porto, Portugal, 2011.

Manccali; Minghini; Walger; Roglio. 2013. História de vida: Uma possibilidade metodológica de pesquisar aspectos subjetivos no processo de tomada de decisão. Apresentado em 2013 no XXXVII Encontro da ANPAD. Disponível em http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013_EnANPAD_EPQ1312.pdf. Acessado em 25 de set. 2018.

MORAES, Luiz Alberto Figueira de. **Depoimento de Luiz Alberto Figueira de Moraes**. Porto Alegre: Escola de Educação Física, 2015. 13 f. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/175130/001065613.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 de agosto 2018.

NETO, Francisco Xavier de Vargas. **Depoimento de Francisco Xavier de Vargas Neto**. Porto Alegre: Escola de Educação Física, 2014. 22 f. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/109616/000950172.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 de julho 2017.

NUNES, Alexandre Velly. **Depoimento de Alexandre Velly Nunes**. Porto Alegre: Escola de Educação Física, 2014. 43 f. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/103673/000938590.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 de julho 2017.

NUNES, Velly Alexandre; KOSMANN, Torres Fernanda; SHOURA, L. Maurício. **Judô no Rio Grande do Sul. Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul. Porto Alegre**, 2005.

NUNES, Velly Alexandre; RUBIO, Kátia. **Judô: O caminho das medalhas**. São Paulo. Kazuá, 2013.

PEREIRA, Antônio Carlos. **Depoimento de Antônio Carlos Pereira**. Porto Alegre: Escola de Educação Física, 2015. 16 f. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/175020/001065604.pdf?sequence>

=1. Acesso em: 25 de agosto 2018.

Portal do Judô. **Conselho de Kodanshas do RS publica ata de fundação**. Porto Alegre. Disponível em <https://portaldojudors.wordpress.com/2011/06/23/conselho-de-kodanshas-do-rs-publica-ata-de-fundacao-2/>. Acesso em: 23 de julho 2017.

PRONDZYNSKI, Eliane Pintanel. **Depoimento de Eliane Pintanel Prondzynski**. Porto Alegre: Escola de Educação Física, 2014. 14 f. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/101971/000933041.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 de julho 2017.

RAMOS, Suellen dos Santos. **Futebol e mulheres no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghelo Luizelli (DUDA)**. Dissertação (Mestrado). 2016. 157 f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

RIBEIRO, João Osório Marques. **Depoimento de João Osório Marques Ribeiro**. Porto Alegre: Escola de Educação Física, 2015. 19 f. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/194736/001094780.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 de agosto 2018.

SILVA, Almerindo Batista da. **Depoimento de Almerindo Batista da Silva**. Porto Alegre: Escola de Educação Física, 2014. 15 f. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/104894/000942038.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 de julho 2017.

XAVIER, Marcelo Opelt. **Depoimento de Marcelo Opelt Xavier**. Porto Alegre: Escola de Educação Física, 2015. 22 f. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/185884/001082085.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 de agos. 2018.

VIRGILIO, Stanlei. **A arte do judô**. 3. Ed. Porto Alegre: Rígel, 1994.

ANEXOS/APÊNDICES

Apêndice 1: Roteiro da entrevista (baseado no roteiro utilizado pelo Centro de Memória do Esporte – ESEFID do Projeto Garimpando Memórias, adaptado para a modalidade judô e o propósito da pesquisa)

Apêndice 2: Carta de cessão de direitos autorais sobre depoimento oral;

Apêndice 3: Ficha cadastral do entrevistado

APÊNDICE 1

1 – Como foi a sua inserção no judô? Foi a primeira modalidade que você praticou?

2 – Alguém influenciou na sua escolha pelo judô? Amigos, professores ou familiares?

3 – Como era na escola onde você iniciou a sua prática no judô?

4 – Como era a situação do judô no Rio Grande do Sul nessa época? Você teve apoio, auxílio de algum clube ou instituição?

5 – Comente sobre como funciona a graduação do judô e como foi o processo que tornou você um Kodansha:

6 – Mulheres fazem parte do Conselho?

7 – Atualmente você é Roku Dan? Você ainda terá progressão?

8 – Quais são as demandas do Conselho de Kodanshas?

9 – Comente a sua trajetória enquanto professor, técnico, árbitro ou outra atuação dentro do judô:

10 - Você teve participação em alguma etapa de preparação de atletas que foram para as Olimpíadas ou outra competição internacional?

11 – Quais momentos/eventos da sua vida no judô você destacaria?

12 – Como você percebe a mudança do judô ao longo destes anos?

13 – Comente a sua contribuição para o judô do Rio Grande do Sul;

14 – Tem algo que nós não perguntamos e você gostaria de deixar registrado?

APÊNDICE 2**CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS
SOBRE DEPOIMENTO ORAL**

Pelo presente documento, eu, _____

____ CPF nº _____, declaro, ceder ao Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao Projeto Garimpando Memórias.

O Centro de Memória do Esporte fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

_____, ____ de _____ de _____

Assinatura do depoente

APÊNDICE 3

Ficha do/a Entrevistado/a

Nome completo:

Entrevistadores(as):

Data da entrevista:

Local da entrevista:

Data de nascimento do entrevistado(a):

Breve Biografia:

Contato telefônico:

Contato de e-mail:

Observações: